

**A Insularidade e o saudosismo circunscrito em águas:  
Uma análise meta-histórica sobre *O Romance das Ilhas Encantadas* de Jaime Cortesão  
(1926)**

Douglas André Gonçalves Cavalheiro<sup>1</sup>  
Mestrando em História pela UFRN  
douglas.cavalheiro@gmail.com

Os lendários lugares insulares no Atlântico eram as fronteiras geográficas da espacialidade conhecida sobre o mundo. As narrativas sobre esses lugares são fontes históricas que revelam mais do que a relação entre o homem e o imaginário marinho, mas também permitem identificar que estrutura discursiva da escrita histórica está relacionada com os tropos literários. A hibridização entre os tropos da escrita literária, em especial a metáfora, e narrativa histórica é atestada n’*O Romance das Ilhas Encantadas*. Escrito por Jaime Cortesão, historiador lusitano, e ilustrado por Alfredo Roque Gameiro, o livro possuía uma finalidade pedagógica, visando atender ao público infanto-juvenil, de até no mínimo dez anos. O enredo procura demonstrar os fatores lendários que geraram as navegações, para isso, Cortesão sintetiza o imaginário greco-romano com lendas cristãs do medievo irlandês acerca de ilhas encantadas no Oceano Atlântico. O local fora encantado por bispos e padres nigromantes na fuga durante a conquista islâmica da península ibérica. Habitada pela filha do Oceano, que se tornou uma mulher humana, o local será o cenário para formação de uma nova raça com o conquistador português Dom João Froiaz: os marinheiros. Porém, a filha do Oceano, agora chamada por Marinha, passou a ter saudade de sua forma anterior ligada ao mar. Por isso, os marinheiros, filhos do encontro de Froiaz e a filha de Oceano serão a origem genealógica dos navegadores lusitanos, responsáveis pela reconfiguração das fronteiras do mundo cristão, diante dos mouros. Diante disso, por meio da *metahistória*, metodologia hermenêutica proposta por Hayden White (1973), é possível traçar um paralelo entre as fundamentações historiográficas com as construções dos tropos literários ou das figuras de linguagens. White fundamentou essa abordagem a partir das concepções da imaginação histórica do Século XIX. Associando teóricos da filosofia e da história, White estabelece que a consciência histórica possui um estilo de linguagem representativa, na forma metafórica, portanto, é factível observar que a produção histórica está amplamente respaldada nos tropos literários. Assim, através do enredo literário e histórico elaborado por Cortesão é possível demonstrar que o ofício do historiador se constitui em protagonizar a reconstrução imagética do passado acerca das navegações como uma nova abordagem historiográfica para as expansões marítimas lusitanas.

**Palavras-chave:** meta-história, história dos espaços, espacialidade.

## **Introdução**

---

<sup>1</sup> Possui licenciatura plena em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010) e em História (2018), mestrado em Filosofia, na área de Metafísica, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). Foi bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq da base de pesquisa Cartografia Imaginária (2015-2018). Atualmente é professor de filosofia da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC/RN), e supervisor de campo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES e também é mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

As documentações referentes ao período do historiador português Jaime Cortesão, radicado no Brasil entre 1940 até 1957, possibilita a investigação sobre o entrecruzamento epistêmico, a zona de confluxo<sup>2</sup>, entre a historicidade temporal e a espacialidade geográfica<sup>3</sup>. O seu curso sobre a Formação Territorial do Brasil, realizado no Itamaraty, entre abril e novembro de 1944, causou profunda influência no corpo diplomático brasileiro, sendo possível observar suas concepções presentes em análises dos Relatórios do Ministério das Relações Exteriores, entre 1945 e 1949, disponíveis no Centro de História e Documentação Diplomática da Fundação Alexandre Gusmão; no Anuário do Instituto Rio Branco (1951 - 1957); os planos de curso da Escola Superior de Guerra (1949 – 1959) e, por fim, jornais cariocas e paulistas, em especial o Diário Carioca, Diário de Notícias e o Estado do São Paulo, sendo encontrados na Hemeroteca Digital e no Acervo do Estadão. No Brasil, Cortesão marcou uma profunda influência no pensamento histórico e geográfico em diversas instituições civis, na área das relações internacionais, e militares, na área da geopolítica.

Durante esse processo de rastrear os vestígios e sinais indiciários do pensamento de Cortesão no Brasil, encontrou-se uma nova fonte documental precedente aos trabalhos no exílio nos trópicos, porém, com informações que lançam luz sobre as investidas intelectuais de Cortesão ao estabelecer uma correlação narrativa, por meio de um projeto educacional, entre a historicidade e o espaço geográfico mediado pelas escalas cartográficas das dimensões afetivas do saudosismo. O livro *O Romance das Ilhas Encantadas*, escrito durante a presidência de Jaime Cortesão na Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1926, já tinha como objetivo de inventar a nova cosmogonia lusitana, por meio do tropo literário da metáfora, a insularidade emerge sobre as águas na forma de um sentimento de isolamento do território continental: a saudade. Sendo esse vínculo afetivo o responsável pela característica de desbravamento dos portugueses, que resultaram nas Grandes Navegações, e subsequentemente nas expansões territoriais da colônia brasileira realizada pelos bandeirantes paulistas.

---

<sup>2</sup> Cf. PEIXOTO, R. A. Zona de confluxo: a investigação da historicidade do espaço por meio do exame da discussão do afastamento da História em relação à Geografia. **Revista Porto**, v. 1, n. 1, p. 111-126, 6 dez. 2011.

<sup>3</sup> Essa pesquisa é resultado da investigação voluntária de iniciação científica de 01 de agosto de 2017 até 31 de julho de 2018, sob a orientação do professor Dr. Renato Amado Peixoto, inserido no projeto de pesquisa: “As fabricações de Jaime Cortesão: a formulação e construção da História da Cartografia, da Formação Territorial do Brasil e das figuras de Alexandre de Gusmão e do Barão do Rio Branco entre 1930 e 1960”.

Por meio da metodologia tropológica de análise do discurso proposto por Hayden White, em meta-história, é possível demonstrar que a estrutura da metáfora representada pelo saudosismo permite recriar uma dimensão afetiva do espaço, ou seja, a insularidade representa a condição de uma narrativa originária fundamentando em um processo de significação ao presente político que demandava uma nova forma indenitária para a primeira república portuguesa (1910 – 1926).

### **Insularidade: As dimensões afetivas da Cartografia Imaginária**

A Primeira República Portuguesa, período marcado pela revolução republicana de 5 de outubro de 1910 e o golpe de 28 de maio de 1926, foi um momento muito conturbado, marcado por confronto internos entre membros católicos conservadores e republicanos liberais ligados a maçonaria e grupos carbonários. Durante esses dezesseis anos houveram oito presidentes e quarenta chefias de governo. Entusiasta do sistema republicano, Cortesão era ligado aos grupos liberais maçônicos, de centro-esquerda, do Partido Republicano Português, e se alistou como capitão-médico voluntário nas tropas lusitanas durante a I Guerra Mundial, servindo nos Flandres, no norte da França, entre 1916 até 1919. Após esses feitos, Jaime Cortesão assume a chefia da Biblioteca Nacional de Lisboa em 1919, durante a presidência de António José de Almeida. Nesse período, Jaime Cortesão desembarca no Brasil em 1922, junto do presidente português, com a finalidade de participar dos festejos do centenário da independência do Brasil, em conjunto com o feito da primeira travessia aérea do Atlântico sul de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Mesmo com esses feitos, a fragilidade política era notável devido aos conflitos internos com diversos setores que perderam o poder devido a derrocada da monarquia portuguesa. Assim, observando a necessidade de uma reconstrução da identidade lusitana, Cortesão utiliza do atlântico como um cenário histórico para construção de um *genius loci*, na dimensão cartográfica da insularidade: as ilhas encantadas.

*O Romance das Ilhas Encantadas* é uma curta e simples narrativa, voltada para o público a partir de dez anos de idade, possui apenas quarenta e oito páginas e foi publicado pelas Livrarias Aillaud e Bertrand, grupo de editores alocados tanto Paris como em Lisboa. A história é dividida em seis capítulos: como as ilhas foram encantadas; A caçada de Dom

Froiaz; Como Dona Marinha se fêz humana; A Infância dos Marinheiros; O encanto de desencantar as ilhas e o Infante Navegador e os Marinheiros. As paisagens da narrativa são representadas pelas aquarelas do notório e premiado ilustrador português: Alfredo Roque Gameiro.

O início da narrativa é marcado por letras capitulares simulando a estética das iluminuras, sustentando o arcabouço imaginário medieval e antecedendo o desfecho da história que explica a causa do encantamento ocorrido nas ilhas atlânticas. Se valendo da reputação das *Antillias*, ou *Ilha das Sete Cidades*, Cortesão afirma que elas foram fundadas por sete bispos nigromantes, fugidos da conquista dos mulçumanos na península ibérica, durante o século VIII. O grupo de místicos clérigos foram liderados pelo Bispo do Porto que sabia das informações sigilosas sobre o encontro de terras além dos pilares de Hércules<sup>4</sup> pelo santo navegador São Brandão e setenta e cinco monges. Chegando nessas ilhas atlânticas, todos os barcos foram queimados e para impedir o acesso completo “foi então que o bispo que era nigromante, isto é, conhecia as artes mágicas, encantou as ilhas para que ninguém mais as abordasse, enquanto os cristãos não tivessem reconquistado aos mouros todas as suas terras.” (CORTESÃO, 1926, pág. 08-09). Após esse ocorrido, cada bispo teria fundado no território insular uma cidade, justificando a alcunha local de *ilha das setes cidades*.

Durante esse período, os navegadores mouros jamais alcançaram o misterioso território, sendo apenas conhecimento de alguns navegadores cristãos, os quais, sabiam da existência do local, porém, muitos navegadores afirmavam que ao se depararem com as paisagens paradisíacas das ilhas atlânticas, elas desapareciam por meio entre névoas e risadas: eram chamadas de Marinhas. Essas filhas do Oceano eram as responsáveis por desviar o curso dos navios com tormentas e névoas intempestivas.

---

<sup>4</sup> Desde a antiguidade já são existem inúmeros registros sobre ilhas existentes além do estreito de Gibraltar, conhecidos como *Ilhas Afortunadas*. Esses locais seriam abençoados, descritos como paisagens edênicas, onde estariam os Campos Elísios, área de descanso pacífico dos heróis. Isso estaria presente em Hesíodo, no livro Os Trabalhos e os Dias, escrito por volta do século VIII a.C., narrando. Atribuindo a mesma localidade, Platão narra a existência do território dos Atlântis no Timeu, escrito por volta de 360 a.C. Intelectuais romanos, durante os dois primeiros séculos da Era cristã, como a História Natural, de Plínio, o velho, e Plutarco, ao descrever sobre Sertônio, em Vidas Paralelas, reproduzem também essa mesma referência da cartografia imaginária dos gregos. Durante o processo de reconquista da península ibérica, a conquista das ilhas canárias pelo reino de Castela no século XIV fez com que houvesse uma retomada pelo interesse nas ilhas fantásticas do atlântico, reaparecendo em cartas náuticas, Portulano, no Atlas do judeu Abraham Cresques de 1375 e do cartografo veneziano Zuane Pizzigano em 1424.

Porém, passados anos, após o processo de reconquista, protagonizado por D. Afonso Henrique, o fidalgo D. João Froiaz estava a caçar na beira-mar quando se deparou com uma Marinha. Raptou-a e levou-a para seu castelo no Minho, norte de Portugal. Contudo, o matrimônio que resultou em diversos filhos não fez com que a jovem Marinha sequer falasse com seu raptor, apenas movida pelo suspiro da melancolia de sua saudade do mar. Diante dessa situação insólita, o fidalgo, subitamente, ameaçou matar uma das crianças, o qual fez com que houvesse um legítimo grito por parte de Marinha. Definitivamente, Marinha tomava a forma humana. “Quebrava-se enfim o encanto da mulher marinha. Desde que, pela primeira vez, por amor de mãe se lhe soltara a língua, tornou-se inteiramente humana.” (1926, pág. 25). A descendência de D. João Froiaz, os marinhos, eram ávidos por brincadeiras na praia e pela busca de objetos marítimos. Todavia, essa paixão marítima também era correspondida pelo avô Oceano, pois quando o filho mais ainda era bebê, Machico, ao cair perto do mar, as espumas das ondas lhe rodeavam como um berço de águas marítimas em sua volta.

Quando adulto, Machico se viu determinado em encontrar os territórios lendários das *ilhas encantadas*, lar de sua mãe Marinha. Conseguindo ultrapassar as ilusões e nevoeiros, chegou ao território paradisíaco das ilhas encantadas: “tão cerradas se estendiam as florestas sobre a ilha, que só a muito custo conseguiam romper por dentro delas. Das árvores pendiam flores de infinitas qualidades”. Daí, diante tanta abundância de flora e fauna, deram o nome de Ilha da Madeira<sup>5</sup>.

D. Henrique, o navegador, teria tido ouvido as histórias de Machico, e por isso criou no sul de Portugal uma vila que congregava todos os marinhos para que se compartilhassem os segredos dos mares para iniciar uma nova e grande iniciativa: as navegações em busca das *ilhas encantadas*, ou *ilha das sete cidades*. Porém, não encontraram lá nenhum habitante ou cidade, apenas um espaço que formava uma paisagem paradisíaca, centrada por um lago metade verde e metade azul. A terra onde reina a primavera eterna desde o tempo de São

---

<sup>5</sup> Existem inúmeras versões conflituosas acerca do lendário descobridor da Ilha da Madeira. Segundo alega a tradição, Robert Machin, um cavaleiro inglês que viajava no mediterrâneo, se apaixonou por uma mulher: Anne d'Arfet. Como era de uma posição social maior do que a Machin, ambos fugiram da Inglaterra e iriam para região da França, durante a Guerra dos Cem Anos, porém, uma enorme tempestade faz com que eles atraiquem numa ilha misteriosa, na qual, Anne morre de exaustão alguns dias depois. Machim continua seu roteiro de retorno, porém, é capturado pelos Mouros no norte da África e narra sobre a existência de uma ilha no atlântico para seu colega de cárcere, Morales de Servilha. No entanto, quando este foi liberado para retornar a Castela, foi capturado por um servo de D. Henrique, o navegador, na qual, ao descobrir a história envia uma expedição em busca das novas ilhas no atlântico.

Brandão, reafirma Cortesão, apenas foi “quando os cristãos conquistaram o reino de Granada, última parte das Espanhas, que estava em mãos de moiros, então de todo se desencantaram as terras, as ilhas e os mares, que haviam séculos escondidos no grande mar Oceano.” (CORTESÃO, 1926, pág. 45).

Cortesão cria uma genealogia dos navegadores, inserida na narrativa alegórica, apresenta numa nova forma de reconfiguração espacial para o processo de significação histórico: o surgimento da nação lusitana e suas descobertas ultramarinas. A geração dos marinheiros, filhos da nobreza portuguesa com a filha de Oceanos, seriam os navegadores lusitanos. “E Marinheiros, meus amigos, fôram também Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pero Alvares Cabral e os irmãos Corte-Reais que conseguiram arrancar aos mares os seus maiores segredos.” (CORTESÃO, 1926, pág. 45). O tropo literário metafórico torna-se a estrutura de linguagem marcante para elaboração dessa narrativa de alegoria histórica. Cortesão baseia-se na argumentação da similaridade entre a estrutura da insularidade das ilhas encantadas com a espacialidade de Portugal, isolada em relação ao continente europeu. A fim de fabricar a narrativa alegórica da expansão territorial portuguesa, Cortesão reconfigura toda uma nova cosmogonia identitária lusitana. Analisado a estrutura afetiva da saudade, associado ao processo de transmutação Marinha na forma humana, a ilha é a própria personificação de perda de seu espaço natural, imersa nas águas com o Oceano. A espacialidade lusitana fabricada por Cortesão encontra-se distinta do continente europeu, que não se assimila com a territorialidade da Europa continental, mas, está ligada naturalmente ao mar. As gerações herdeiras dessa estrutura espacial, os marinheiros, ou portugueses, tem um caráter líquido e expansivo de se reencontrar com sua verdadeira natureza marinha. Diante desses aspectos espaciais, Cortesão utiliza o efeito narrativo da metáfora para atingir objetivos de dimensões historiográficas. Por isso, será utilizada a análise tropológica, proposta por Hayden White, na qual, permite desmistificar as inúmeras intenções e as camadas de significado da afetividade espacial da saudade como construção identitária da nação portuguesa.

### **A Meta-história: Uma análise tropológica dos discursos metafóricos**

A estrutura da metáfora permite repensar a relação de confluxo entre o espaço geográfico e a historicidade temporal, Peixoto (2011c) propõe método ambivalente de

investigação: o primeiro referente aos meios de representação do espaço e outra sobre a sua formação. Essa primeira condição para investigação da historicidade do espaço, seria categorizada como uma *história das concepções dos espaços*. A outra fundamentação metodológica que investiga a formação das espacialidades é a *história dos espaços*, na qual “teria como tarefa examinar as produções que relatam e cuidam da expansão do Estado e de seus meios e perscrutar o processo de inscrição de suas espacialidades e territorialidades.” (PEIXOTO, 2011c, p. 119). No caso de *O Romance das Ilhas Encantadas* é permitido decodificar a zona de confluxo, pois, as aquarelas de Roque Gameiro representam uma *história das concepções dos espaços* sobre as ilhas atlânticas, *pari passu*, Cortesão descreve a *história do espaço* através de sua narrativa alegórica.

A metáfora é um importante tropo literário utilizado no processo historiográfico. Avaliar sobre o processo da gênese do sentimento lusitano por meio das características similares entre a insularidade e a afetividade saudosista, é factível identificar por parte de Cortesão uma operação de invenção espacial lusitana. Do latim, *inventio*, invenção é um ato criador, um modo processual na qual resulta em algo novo, ou seja, não óbvio aos antecessores habilitados na área da invenção. Há uma proximidade etimológica, *inven+ tio* com *invert*, do latim; inversão; e o radical: *vert* que gera o sentido de versão. No grego, o sentido de invenção está em oposição ao sentido de *mimesis* e próximo do conceito de *poiésis*, ação ou ato de produzir, distinto do valor da *techné*, habilidade da reprodução, imitação, do latim *imitatio*. Assim, a invenção da espacialidade, elaborada por meio de uma cartografia imaginária, é possível constatar que “o espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna”. (ALBUQUERQUE JR, 2013, pág. 35). Diante desse aspecto, “devemos tornar as relações espaciais como relações políticas e os discursos sobre o espaço como o discurso da política dos espaços, resgatando para a política e para a história, o que nos aparece como natural, como nossas fronteiras espaciais, nossas regiões.” (ALBUQUERQUE JR, 2013, pág. 35).

A partir do pressuposto de que a historiografia é uma escrita, tal como a literatura, então ao longo de suas narrativas o uso dos tropos literários é inerente para ambos os casos. A metáfora se destaca entre os mais utilizados nas produções históricas, pois, sua estrutura de similaridade permite uma androginia de significados, uma hibridização conceitual, que permite uma reconstrução discursiva por meio de espaços linguísticos. “É a imagem a serviço do pensamento. As metáforas no discurso historiográfico podem servir mais do que os

conceitos para dar conta das transformações interações do concreto.” (ALBUQUERQUE JR, 2013, pág. 43).

Essa aproximação entre a história e a geografia, por meio da literatura, fundamenta-se por uma análise do discurso, pois a experiência da história, formada por vestígios, no processo de interpretação torna-se fonte, a escrita metamorfoseia-se em discurso sobre a história. Nesse processo alquímico de transmutação, o discurso sobre a história multiplica a experiência histórica por meio das múltiplas interpretações, ou seja, a hermenêutica dos discursos sobre a história forma novas maneiras de experimentar a história.

A hermenêutica meta-histórica, proposta por Hayden White (1994) parte do pressuposto de que o discurso, tanto na forma imaginária como analítica, é ao mesmo tempo formado e permeados pela lógica interna da linguagem. Essa prerrogativa permite libertar a produção historiográfica do literatismo e da fidelidade quimérica de que o discurso deve ser puramente sobre o passado e sem anacronismo. O processo de falar sobre o passado constrói o próprio passado. A hermenêutica da teoria dos tropos permite uma superação no modelo antigo de observar a historiografia como linear e cíclicas e tratar a história na condição de arte. A obra historiográfica não é uma montagem casuística, mas, de relação figurativa da linguagem.

No entanto, muitos historiadores não consideravam a linguagem uma questão problemática para o desenvolvimento da historiografia. Esse apontamento inicial foi demonstrado pela escola analítica da filosofia da linguagem americana, Quine, Searle, Goodman e Rorty demonstravam, segundo White, a dificuldade de diferenciar entre o objeto que é narrado da maneira como era narrado, problema encontrado até mesmo nas ciências naturais. Dessa maneira, perceber a unidade entre objetos narrados e modos de narrativas fez com que as barreiras estabelecidas, desde o século XIX, entre a escrita imaginária da ficção, campo da literatura, e escrita realista, do campo da história, desmoronassem. Portanto, a história não é uma estrutura fotográfica, estática dos objetos da qual são descritos, mas, é uma ação contínua de um desenvolvimento prolongado, uma narrativa no gerúndio que está *fazendo-se* no momento de sua própria produção.

Em resumo, o discurso histórico não deveria ser considerado primordialmente como um caso especial dos “trabalhos de nossa mentes” em seus esforços para conhecer a realidade ou descrevê-la, mas antes como um



tipo especial de uso da linguagem que, como a fala metafórica, a linguagem simbólica e a representação alegórica, sempre significa mais do que literalmente diz, diz algo diferente do que parece significar, e só revela algumas coisas sobre o mundo ao de esconder outras tanta.

E a natureza metafórica dos grandes clássicos da historiografia que explica por que nenhum deles jamais “encaixotou” um problema histórico definitivamente, mas antes sempre “destampou” uma perspectiva sobre passado que inspira mais estudo. É este fato que nos autoriza a classificar o discurso histórico primordialmente como interpretação, mais do que como uma explicação ou descrição, e sobretudo como um tipo de escrita que, em vez de apaziguar nossa vontade de saber, nos estimula a cada vez mais pesquisa, cada vez mais discurso, cada vez mais escrita. (WHITE, 1994, p. 28).

A responsabilidade de acumular informações cabe aos arquivos. A estrutura memorialista não é a função final do ofício histórico, mas é o seu início. A principal função do historiador é transformar a fonte histórica, objeto informativo, em uma narrativa atribuída de coerência crônica, mobilizado por uma sucessão casuística na qual lhe implique num sentido cognitivo, ético e estético. Porém, esses aspectos serão delimitados estritamente pela maneira como essa narrativa seguirá seu curso, a escolha da estrutura de uma tragédia ou de uma comédia, será dada à intencionalidade do historiador que ditará para quais fins serão os tropos discursivos que serão usados, seja para um debate político, disputas jurídicas ou convencimento percussivo.

Hayden White descreveu sobre o imaginário da historiografia produzida durante o século XIX. Essa crítica literária da história se insere numa metodologia de *metahistória*. Para categorizar os *tropos* literários White estabelece um paralelo entre filósofos (Nietzsche, Marx, Hegel, Croce) e historiadores (Jules Michelet, Alexis Tocqueville, Leopold Ranke e Burckhardt). “Eu identifico pelo menos quatro modos diferentes de narrativas: o romance, a tragédia, a comédia e a sátira. [...] Por exemplo, Michelet conjurou as suas histórias no modo romântico, Ranke usou o modo cômico, Tocqueville usou o modo trágico e Burckhardt usou sátira.” (1973, p. 7-8. tradução livre). Portanto, White estabelece que existam basicamente quatro tropos literários: a metáfora, baseada no princípio da similitude, a metonímia, baseada no princípio da contiguidade, a sinédoque, baseado na identificação de partes de algo como

pertencendo a um todo e a ironia, baseado na oposição<sup>6</sup>. Sintetizando essas perspectivas em *modo de escrita, modo de argumento e modo de implicação ideológica* aos autores da filosofia e da história, no caso, White estabelece que o *tropo* literário predominante entre os filósofos seria no caso de Nietzsche a metáfora, e, no caso de Marx a metonímia. Na introdução do seu livro, White (1973, p. 29) estrutura as informações a partir de uma tabela classificatória entre os modelos narrativos e suas características.

<b>Tropo</b>	<b>Modo</b>	<b>Enredo</b>	<b>Argumento</b>	<b>Ideologia</b>	<b>Historiador</b>	<b>Filósofo</b>
<b>Metáfora</b>	Representativo	Romance	Formista	Anarquista	Michelet	Nietzsche
<b>Metonímia</b>	Reducionista	Tragédia	Mecânico	Radical	Tocqueville	Marx
<b>Simédoque</b>	Integrativo	Comédia	Organicista	Conservador	Ranke	Hegel
<b>Ironia</b>	Negativo	Sátira	Contextualista	Liberal	Burckhardt	Croce

A partir dessa classificação trópica do discurso, proposta por Hayden White, é possível demonstrar que o enredo estabelecido por Cortesão em *O Romance das Ilhas Encantadas* é de caráter metafórico e de argumento formista alegórico, ou seja, do espaço da insularidade é narrado por um modo representativo de três aspectos: o encantamento, a saudade e a navegação. O encantamento do nigromante, Bispo do Porto, ocultava sob o véu do sigilo o conhecimento dos territórios atlânticos; a saudade de Marinha que é o sentimento nostálgico, gerado pelo fragmento de sua identidade líquida originária para a forma humana. Ambas representam a similaridade metafórica da espacialidade insular de uma ilha. Porém, a navegação dos Marinheiros é capaz de superar a condição de solidão da insularidade, ultrapassando as barreiras da melancolia saudosista, a narrativa de Cortesão atribui à expansão marinha como parte dos fluxos sanguíneos das veias lusitanas. Esse processo narrativo será presente por toda obra de Jaime Cortesão no Brasil, resultando nos cursos sobre a Formação Territorial do Brasil, na qual, o protagonismo dos bandeirantes será interpretado como continuidade dessas ações expansivas, sendo que por via terrestre.

### **Considerações Finais**

---

<sup>6</sup> As quatro categorias dos enredos, romance, tragédia, comédia e sátira, foram inspiradas na crítica retórica, teoria dos gêneros literários, proposto por Northrop Frye. Cf. FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism**. New Jersey: Princeton U. Press, 1957.

A literatura, em especial o tropo discursivo, reconfigura a maneira de compreender a estrutura da história. Aproximando dos conceitos espaciais da geografia, o modelo narrativo metafórico, muitas vezes alegórico, permite ressignificar o ofício histórico. Identificar que a metáfora é um instrumento discursivo presente nas narrativas históricas permite uma análise *meta-histórica*, na qual, a historicidade e as dimensões das concepções de espaço são compreendidas novamente unificados. *O Romance das Ilhas Encantadas* de Jaime Cortesão permite sustentar essa proposta, assim como inicia uma fabricação imagética de uma interpretação idealizada acerca do processo das navegações lusitanas. Observar essas análises discursivas sobre os trabalhos precedentes ao exílio de Jaime Cortesão são fundamentais para compreender raízes de seu pensamento e influências notórias nas instituições brasileira, posteriormente.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2013. pág. 29 – 79 e pág. 207 – 327. (Introdução, Capítulos I e III)

ANKERSMIT, Frank. **History and Tropology: the rise and fall of metaphor**. California: University of California Press, 1994.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BENTIVOGLIO, Julio, TOZZI, Verónica. **Do passado histórico ao passado prático: 40 anos de meta-história**. Serra: Milfontes, 2017.

CORTESÃO, Jaime. **O Romance das Ilhas Encantadas**. Ilustrado por Roque Gameiro. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1926.

PEIXOTO, Renato Amado. **Terra Sólida: a influência da geopolítica brasileira e da Escola Superior de Guerra na política externa do Governo Castello Branco**. 2000 f. 287. Dissertação (mestrado em história) – Faculdade de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Máscara da Medusa: A construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX**. 2005 f. 432. Tese de doutoramento (doutorado história) – Programa de Pós-graduação em História Social, UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cartografias Imaginárias**: estudos sobre a construção da história do espaço nacional brasileiro e relação História & Espaço. Natal: EDUFRN, 2011a.

\_\_\_\_\_. "Depois aconteça o que acontecer": por uma rediscussão do Caso Panther e da política externa de Rio Branco. **Revista Brasileira de Política Internacional** (Impresso), v. 54, 2011b. p. 44-66.

\_\_\_\_\_. *Zona de Confluo*: a investigação da historicidade do espaço por meio do exame da discussão do afastamento da História em relação à Geografia. **Revista Porto**, v. 1, n. 1, p. 111-126, 6 dez. 2011c.

\_\_\_\_\_. **'Os espelhos de Uqbar'**: a espacialidade da nação e sua representação nos mapas brasileiros o caso de Jaime Cortesão. Palestra apresentada na UFRGS no dia 07/12/2012 e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DL2W3kQADho>.

\_\_\_\_\_. **Encontro com a História** - Sob as vistas lisonjeadas de Clio e Urânia: Jaime Cortesão e a fabricação do território nacional por meio da cartografia nas décadas de 1940 e 1950. Palestra apresentada no MAST no dia 27/05/2013 e disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wakYzegUP54>.

\_\_\_\_\_. A Flecha e o Alvo – as origens, as transformações e a função do curso da história da cartografia lecionado por Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores. **Revista Antíteses**. Londrina, v. 7, n. 13, , jan./jun. 2014. p. 184-209.

\_\_\_\_\_. O Modelo e o Retrato: Jaime Cortesão, a História da Formação Territorial do Brasil' e a sua articulação com a 'História da Cartografia brasileira'. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 19. dez. 2015. p. 46-65.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco C.F. Historiofotia, topologia e história: além das noções de imagem nos escritos de Hayden White. **História**, São Paulo. v. 33, n.2, p 489-513, jul/dez. 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

WHITE, Hayden. **Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-century Europe**. The John Hopkins University Press: Baltimore. 1973.

\_\_\_\_\_. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EdUSP. 2001.

\_\_\_\_\_. **Figural Realism: studies in the mimesis effect**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **The fiction of narrative: essays on history, literature, and theory, 1957 - 2007**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

\_\_\_\_\_. Teoria literária e escrita da história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, pp. 21-48. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/279>. Último acesso em: março de 2017.